



MUSEU MUNICIPAL DE CORUCHE

newsletter

CORUCHE
MUSEU MUNICIPAL

Ano 14 . 2016 . edição especial . primeiro semestre



Gramofone, 1911. Propriedade do Instituto de História da Universidade de Coimbra

EDITORIAL

Nesta edição damos destaque à Nossa Senhora do Castelo, quer no âmbito da exposição temporária que está prestes a inaugurar, *500 Anos da Procissão em Honra de Nossa Senhora*, quer nos trabalhos arqueológicos realizados no âmbito da requalificação do recinto junto à ermida sob o mesmo nome. Sítio arqueológico que apresenta na exposição de longa duração do Museu Municipal testemunhos da romanização do território que é hoje o concelho de Coruche.

Sendo maio o mês dos museus e da Ficor, fica o registo das atividades desenvolvidas, que têm em comum a valorização do nosso Património, cultural e natural.

A Lua Nova de junho trouxe-nos mais um AstroCoruche, um encontro liderado pelo Clube de Astronomia da Escola Secundária, com a colaboração e empenho do Museu Municipal.

O gramofone veio para ficar!?

EXPOSIÇÃO 500 ANOS DA PROCISSÃO EM HONRA DE NOSSA SENHORA | CORUCHE

No ano em que Coruche comemora os 500 anos da Procissão em Honra de Nossa Senhora, o Museu Municipal de Coruche terá patente ao público, a partir do dia 5 de agosto, uma exposição temporária centrada na devoção dos coruchenses à Senhora do Castelo, na procissão de 15 de agosto e na Irmandade de Nossa Senhora do Castelo.

A mesma faz-se acompanhar do respetivo catálogo.



500 ANOS
PROCISSÃO
EM HONRA DE NOSSA
SENHORA
CORUCHE

“CORUCHE: O CÉU, A TERRA E OS HOMENS”

A ICONOGRAFIA DAS GEMAS ROMANAS

No espaço expositivo dedicado à romanização em Coruche destaca-se, desde logo, o sítio de Nossa Senhora do Castelo, no alto do monte, sobranceiro à vila. Outrora aí se elevaria um templo romano, atendendo aos elementos arquitetónicos descobertos e presentemente em exposição no Museu Municipal. É provável que o mesmo se situasse no local da atual igreja, se considerarmos o velho modelo da sucessão de edifícios sacros ao longo dos tempos.

A ideologia religiosa trazida pela romanização – associada a um panteão de figuras humanas com atributos divinos – encontra-se materializada em outros achados no vale do Sorraia. É o caso da gema, ou pedra de anel, com a gravação de Minerva, deusa que, com Júpiter e Juno, ocupava o topo da hierarquia religiosa, constituindo a Triade Capitolina, protetora suprema dos romanos. Estes, identificando-a com a deusa grega Atena, elevaram-na a símbolo do conhecimento e da sabedoria e, por tal, foi eleita *ex-libris* deste espaço, “ponte” entre o quotidiano e o sagrado.



Pedra de anel figurando a deusa Minerva

Triade Capitolina: Minerva, Júpiter e Juno

Espaço *Deuses e Homens* (piso 1) da exposição de longa duração

A arte de gravação de gemas (pedras preciosas e semipreciosas) deverá ter nascido com a necessidade de autenticar a propriedade de objetos ou documentos, fossem oficiais ou particulares. Terá sido essa a função inicial dos escaravinhos e entalhes (ambos gravados por incisão), cuja face gravada, pressionada sobre papiro, tabuinhas enceradas ou lacre, imprimia o selo pessoal do seu proprietário, isto é, o seu sinete. Já os camafeus (gravados por desbaste, em camadas) que apresentam figuras políticas teriam como principal objetivo a propaganda política.

Com o tempo, porém, e já no Império Romano, entalhes e camafeus eram tidos como objetos de prestígio e tornaram-se autênticas obras de arte. Engastados em colares, brincos, anéis, pendentives, alfinetes de peito, braceletes e diademas, eram usados pelos próprios Imperadores – quer como ornamento das insígnias imperiais (cetros e diademas) quer do próprio vestuário. Para as mulheres eram mesmo um ornamento pessoal indispensável.

Para além disso, passaram a ser também usados como amuletos, para proteção de homens e animais (pelas pedras em si, a que eram atribuídas virtudes mágicas, e pelos motivos e/ou inscrições nelas representados).

Já a gravação de uma divindade poderia referir-se à preferência religiosa do seu portador (como a Minerva representada no entalhe de Águas Belas, Coruche, ou uma divindade oriental) e à crença na sua proteção contra doenças ou como garante de prosperidade e fertilidade.

Mas viriam também a ter um carácter simbólico, consoante o motivo nelas gravado – nupcial, augural, funerário, religioso ou de propaganda política (neste último caso sobretudo nos finais da República e também nos inícios do período augustano).

E, a certa altura, após o reconhecimento do Cristianismo como religião oficial do Império, apresentar símbolos cristãos.

NOSSA SENHORA DO CASTELO. AÇÕES DE ARQUEOLOGIA PREVENTIVA

A ermida de Nossa Senhora do Castelo encontra-se implantada numa elevação sobre o vale do Sorraia, apresentando grande domínio paisagístico. O posicionamento destacado decerto condicionou a presença de ocupação humana durante milénios, existindo aqui vestígios de ocupações antigas desde o Neolítico – Calcolítico, Idade do Ferro, período Romano, Idade Média (período islâmico e cristão) até à atualidade. Esta continuidade de ocupação parece indicar que aqui se encontra possivelmente uma das origens do núcleo urbano antigo da vila de Coruche. A partir de 1657 inicia-se uma nova fase da história deste local, com a criação da Irmandade de Nossa Senhora do Castelo. As possíveis pré-existências romanas e medievais foram certamente afetadas pelas construções da Ermida de Nossa Senhora do Castelo e anexos.

Apesar de várias referências a achados arqueológicos em 1927 e 1956, existe uma clara lacuna de informação sobre este sítio arqueológico coruchense.

Tendo em vista o acompanhamento arqueológico da intervenção de valorização na plataforma inferior da Ermida de Nossa Senhora do Castelo, foi executado um projeto de arqueologia de diagnóstico. Esta intervenção arqueológica, promovida pela Câmara Municipal de Coruche e Irmandade de Nossa Senhora do Castelo, foi executada pela Uniarq (Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa), no âmbito da investigação plurianual do projecto Ansoar (Antropização do Vale do Sorraia).

Os trabalhos arqueológicos permitiram identificar alguns elementos novos para a história do sítio:

1. A deteção de uma inumação (jovem subadulto, com patologia de infeção), com uma cronologia dos séculos 18-19. Atendendo a que a igreja matriz esteve durante muito tempo em ruínas até ser transferida para a Igreja da Misericórdia em 1803, o adro da Ermida de Nossa Senhora do Castelo poderá ter servido esporadicamente como local de inumação, até à Lei dos Cemitérios de 1835.
2. A identificação de estruturas desmanteladas, possivelmente associadas à ermida e identificação de fases de construção através da leitura dos alçados.
3. A deteção de um estrato de aterro de vertente, permitindo compreender melhor as dinâmicas de uso desta elevação. Com a edificação da Ermida e estruturas anexas, terão existido substanciais movimentações de terra.
4. Foram detetados materiais arqueológicos de cronologia moderna e medieval (incluindo islâmica) e escassos fragmentos de cronologia romana. A informação disponível parece indicar que as ocupações mais antigas se concentram noutras plataformas, não intervencionadas nas actuais escavações.

Os elementos reunidos confirmam a elevada sensibilidade arqueológica deste local e a sua complexidade interpretativa. Para entender todas as transformações que o sítio conheceu é



Desenho de plantas e alçados das estruturas



Fase de escavação (enterramento de indivíduo subadulto)

Os trabalhos decorreram entre 20 de junho e 1 de julho sob direção dos Professores Doutores Victor S. Gonçalves, Ana Catarina Sousa e Mestre Marco António Andrade (Uniarq), com a colaboração de técnicos de arqueologia especializados (Liliana Teles e Gonçalo Bispo) e da antropóloga física Mestre Liliana Carvalho.

A intervenção de diagnóstico centrou-se na plataforma inferior, contígua ao muro de sustentação de terras, com a abertura de duas sondagens e a limpeza e definição dos alicerces das construções.

necessário promover uma documentação rigorosa de todas as intervenções, juntando a informação documental à arqueologia. Os dados arqueológicos e documentais parecem indicar que esta elevação foi sucessivamente transformada durante a sua longa história: povoado, necrópole, castelo, local de culto. A presente escavação constitui mais um contributo para a complexa reconstituição das “histórias” deste sítio.

“UM MUNDO DE CORTIÇA: SÓ PARA 'PEQUENOS' PROFISSIONAIS”

No âmbito da 8.ª edição da Ficor o centro de exposições de Coruche acolheu "Um mundo de cortiça", um espaço lúdico-educativo que o Museu Municipal dinamizou com as escolas do ensino básico do concelho de Coruche.

A implementação do mesmo construiu-se numa perspetiva de (re)valorizar o equipamento existente, numa atitude de transmitir conhecimentos já anteriormente consolidados, mas com um original enquadramento cenográfico semeado por novos apontamentos e jogos de descoberta.

Um espaço alegre e cheio de vida que recebeu mais de duas centenas de crianças.



O TESOURO DOS GUARDIÕES DE CORUCHE

A 12.ª edição da Noite dos Museus, em Coruche, materializou de forma dinâmica e educativa a importância territorial dos museus na salvaguarda e valorização da nossa paisagem cultural. Um universo patrimonial assaz vulnerável que encontra na sensibilização das comunidades o contributo para minimizar a sua degradação ou até mesmo o seu aniquilamento.

Assim, o jogo da noite levou os 15 grupos participantes à descoberta noturna do centro histórico da vila de Coruche, uma povoação cuja origem pode remontar à época romana, e onde desde cedo o rio e o monte foram elementos naturais modeladores e condicionantes do próprio núcleo urbano.

Na meta final todos os participantes foram premiados pela responsabilidade assumida, cabendo aos dois primeiros grupos o título de "Guardiões de Coruche", com o objetivo de legar às gerações futuras um património que é de todos.



ASTROCORUCHE 2016 – UM CÉU DE ESTRELAS, MAS NÃO SÓ...

Darwinismo, Teoria da Relatividade, Radioastronomia, Estrelas exóticas. Qual a relação?

Todos eles assuntos que se relacionam com a Astronomia e a Cosmologia e igualmente tratados no AstroCoruche 2016, na tarde do dia 4 de junho, no Auditório do Museu Municipal de Coruche. Na aldeia de São Torcato, no final do dia, Fernando Salgueiro Maia, capitão de Abril, foi também estrela da noite, sendo que não faltou a visita ao núcleo Escola-Museu Salgueiro Maia.

PEÇA DO BIMESTRE GRAMOFONE

A peça que se apresenta é um gramofone produzido pela *The Gramophone Company*, empresa londrina, fundada em 1897, também conhecida por *His Master's Voice*. Este era o nome do quadro da autoria de Francis Barraud que deu origem à imagem registada da marca: um cão *terrier*, chamado Nipper, a ouvir a voz gravada do seu dono, depois da morte deste, por meio de um gramofone.

A base deste gramofone tem inscrita a seguinte data: setembro de 1911. Todavia, os atuais proprietários, Isabel e Vítor Pereira, reportam a compra da peça pelo pai, José Mateus Pereira, nos



Foto Anselmo Dias

finais da década de 30 do século XX. A campânula era originalmente apenas pintada de verde, mas uma amiga da família, nos anos 70, adicionou à peça a ornamentação das flores que hoje ainda apresenta. Além disso, nessa ocasião o gramofone, que na altura há muito não tocava, foi minuciosamente limpo, recuperando parte da sonoridade primitiva.

Legenda da peça:

Gramofone de *The Gramophone Company/His Master's Voice*. Londres. 1911
Cedido temporariamente ao MMC por Isabel Pereira e Vítor Pereira